

Representações e práticas de resumo: como procedem os alunos de Letras?

Morianne Leaf*

RESUMO

Este estudo investiga as representações do gênero resumo verbalizadas por alunos ingressantes num curso de Letras, relacionando-as à elaboração de resumos desses mesmos produtores, a fim de verificar a correspondência existente entre essas duas possibilidades de expressar o entendimento que se tem de resumo.

Palavras-chave: Gênero textual; Resumo; Representação.

Este estudo integra o projeto “Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos”, que busca descrever e investigar a atividade de retextualização de textos acadêmicos. O intuito do presente estudo consiste, basicamente, em comparar definições de resumo apresentadas por universitários aos resumos efetivamente produzidos, para verificar a correspondência entre suas reflexões acerca do gênero e o modo como o verbalizam. Pretende-se elucidar a noção que os alunos têm de resumo e compará-la à ação de resumir, perceptível na retextualização que eles fazem. O pressuposto em que me baseio é o de que a produção do resumo depende do modo como se compreende a tarefa.

* Aluna da graduação do curso de Letras da PUC Minas, Unidade São Gabriel, integrante do projeto “Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos”, financiado pela Fapemig (SHA 0419/01) e coordenado pela professora Dra. Maria de Lourdes Meirelles Matencio.

Considera-se, como Marcuschi (2001), que retextualizar é transformar um texto em um novo texto, com mudança de gênero e/ou modalidade. Quanto ao gênero resumo, vale dizer que pode (e merece) ser focado sob a dimensão pragmática no que se refere às suas características, diferentemente da forma como estas são concebidas em manuais de normalização.¹ A premissa está fundamentada na adesão ao ponto de vista sustentado por Silva & Mata (2002, p. 124), que buscam discutir o funcionamento do gênero resumo em diferentes esferas das atividades sociais, focalizando, sobretudo, o resumo escolar como um gênero textual, produzido no domínio da comunidade acadêmica. As autoras, assim como Machado (2002), defendem que as características do gênero resumo sejam determinadas por seu contexto de produção,² e estabelecem um modelo didático do gênero³

¹ Por exemplo, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) afirma o seguinte sobre o gênero: “Resumo é a condensação de um texto, inteligível em si mesma, redigida em nível padrão de linguagem, com as próprias palavras do leitor resumidor. É uma atividade característica do ambiente escolar e, às vezes, do mundo do trabalho, que pressupõe exercício de leitura e de redação, pois quem o elabora de ser capaz de: 1) compreender claramente o conteúdo, de modo a poder fazer escolhas: deixar de lado o acidental (detalhes, explicações, exemplos) e ficar com o essencial (idéias principais); 2) organizar as idéias fundamentais do texto original num discurso seu, coeso e coerente; 3) ser absolutamente fiel às idéias expressas pelo autor, não acrescentando informações subsidiárias; 4) usar nível padrão de linguagem, com vocabulário próprio, sem copiar frases ou expressões (a não ser as absolutamente necessárias)” (*apud* TEREZZO, 2001, p. 21).

² Conjunto de representações interiorizadas pelos agentes de certas representações sociais sobre o mundo físico e sócio-subjetivo, e que são mobilizadas por eles diante da necessidade de produção de textos orais ou escritos (cf. MACHADO, 2002, p. 140).

³ Para identificar e caracterizar um gênero, o mais relevante seria a análise do contexto de produção, em detrimento de se procurar, por exemplo, dar nomes a todos os gêneros; o que seria problemático porque podemos encontrar um mesmo gênero com mais de um nome. E, levando-se em consideração os objetivos na produção do resumo, além de seus diferentes destinatários possíveis, a atividade de resumir pode ser integrante da composição de um gênero: é possível identificar textos, como os resumos literários, que podem ser tipicamente escolares, tendo o estudante como seu destinatário, ou, veiculados em resenhas ou contracapas, para incitar o leitor a comprar e/ou ler o livro, apresentando interpretações e avaliações ou os conteúdos parciais da obra resumida, respectivamente (cf. MACHADO, 2002).

que possa definir para professor e aluno o objeto que está sendo ensinado e possibilitar, dessa forma, as intervenções didático-pedagógicas com mais eficiência.

O texto em que me baseio procura classificar os resumos que emanam de diferentes esferas das atividades sociais e nelas circulam, em função de alguns dos diversos critérios que poderiam ser selecionados para esse fim, dentre os quais optou-se por considerar: o uso e a função social do gênero, seu funcionamento, sua relação com o texto-base e o circuito comunicativo previsto (produção e processo de difusão). À luz desses princípios, apresentam-se alguns dos principais tipos de resumos, a saber: resumo de telenovela, resumo literário, etc., com destaque para os resumos acadêmicos, que, considerando-se a natureza do texto-fonte e os propósitos de seu produtor, podem originar tipos de resumos específicos desse universo, como o *abstract* e outros (cf. SILVA & MATA, *op. cit.*). Embora admitam que o resumo disseminado pelos manuais de redação, reconhecidos como normatizações aplicáveis irrestritamente a todos os textos que correspondam a um resumo, seja inadequado, as autoras advertem que “o professor não tem a sua disposição fundamentos teóricos-metodológicos suficientes para orientar suas práticas”, e salientam a importância e necessidade de se “intensificar a produção de estudos que focalizem o funcionamento do gênero resumo em diferentes esferas das atividades sociais” (cf. SILVA & MATA, *op. cit.*, p. 132).

Como o resumo é uma atividade freqüente nas práticas orais cotidianas, e um gênero escrito de grande importância no cotidiano escolar, seu estudo deve interessar àqueles que têm participação em atividades que condigam com a responsabilidade de educar, para buscar reduzir as dificuldades dos alunos no uso de língua, naturalmente, o que exige conhecimentos através de estudos como este.

Início minha reflexão sobre esse gênero buscando contribuir para o esclarecimento da noção de resumo, sem, no entanto, esgotá-la.

AS OPERAÇÕES QUE ATESTAM UM RESUMO

É extremamente relevante ter-se um conhecimento eficaz das peculiaridades inerentes à produção de textos, neste caso, o resumo, para que se possa melhor avaliar e orientar a própria produção textual, evitando-se causar prejuízo, no desempenho da realização dessa atividade, pela atribuição de informações que comprometam as intenções do texto-base. Agindo-se assim, estar-se-ia reduzindo as possibilidades dos interlocutores receberem informações questionáveis.

É sabido que “ler um texto implica resumir/sumarizar, mesmo que não demande a escrita de um outro texto” (MATENCIO, 2002, p. 115), mas quando, a partir dessa leitura, elabora-se um novo texto, há uma retextualização, e tem-se a produção do gênero resumo. O processo de redução de informações mentais – a sumarização – compõe-se de estratégias que van Dijk (1988, *apud* AMARAL *et al.*, 2002, p. 2) ressalta traduzirem “escolhas nem sempre conscientes do leitor/resumidor”. Essas estratégias, MACRORREGRAS, segundo leituras de Machado (2002) e Matencio (2002) acerca das convicções desse autor, subdividem-se em: *Estratégias de apagamento* – ação do produtor do resumo de seleção das proposições que julga relevantes no texto-base, eliminando as informações secundárias e as redundantes – e *Estratégias de substituição* – em que há a generalização de um conjunto de nomes de seres, propriedades ou ações por apenas um nome mais geral para uma dessas classes, e a construção, isto é, a substituição de uma seqüência de proposições por uma proposição que dela é deduzida, estratégia esta que consiste na construção de uma nova formulação que permita identificar a proposição central de um segmento de maior extensão, o que exige vocabulário próprio e, talvez, o resgate de sentenças-tópico não explicitadas no texto original. O resumo que é produzido nos fornece pistas de como se deu esse processo, embora nunca venhamos a ter certeza de como se deu, realmente, o processo de sumarização de um sujeito, visto que algo que considerou relevante no momento de sua leitura poderá ser descartado na elaboração de

seu texto, em função de seus objetivos com a produção de determinado gênero. Como ações ativadas pelo leitor para que se possa definir as informações do texto-base consideradas importantes em uma proposição, as macrorregras remetem, pela leitura, à MACROESTRUTURA de um dado segmento do texto ou do texto como um todo; informações que serão retidas em uma nova produção textual. Em outros termos, identificar a macroestrutura é “depreender a proposição de maior alto grau de um dado segmento do texto ou do texto como um todo, aquela proposição a partir da qual seria possível extrair as demais” (MATENCIO, 2002, p. 115).

Selecionar a(s) proposição(ões) central(is) do texto-base (identificá-la(s) no resumo como macroestrutura(s) ou “idéia(s) principal(is)”), portanto, permitirá conhecer os propósitos do (autor do) texto-base tal como foram identificadas pelo resumidor.

A breve explanação aqui exposta quer alertar para alguns dos fatores que podem comprometer na tarefa de resumir um texto, dentre os quais, o da concepção da atividade. É importante destacar esse ponto para que seja compreendido o interesse na correlação entre definição e prática de resumo, que é o pilar desta investigação.

ESCLARECIMENTOS SOBRE OS PROCESSOS METODOLÓGICOS NO TRATAMENTO DO CORPUS DESTE ESTUDO

Os textos coletados para análise compõem o banco de dados do projeto a que se fez referência. Foram tomados, inicialmente, 60 diagnósticos que estabelecem a “definição do gênero resumo” por alunos do primeiro período de um Curso de Letras, no primeiro semestre de 2002. A partir disso, apurou-se as representações que esses alunos têm do gênero. Outros 60 textos são os próprios resumos desses mesmos alunos/produtores. Dentre esses resumos, selecionei três para a elaboração deste texto, por constatar que representam bem muitas das dificuldades recorrentes nos outros textos, como a inadequada

interpretação ou falta de identificação das idéias principais do texto resumido e a colagem de argumentos do texto-base, as reformulações e reconstruções que retomam informações/argumentos adjacentes, as quais, embora tenham sido constituídas de cópias, fazem o texto ser reconhecido como um resumo.

Primeiramente, serão apresentadas classificações para o entendimento que os alunos têm de resumo. Após a análise dos resumos, compara-se o que nela foi apurado, com o que seu produtor havia dito acerca do resumo.

Os resumos, que têm como texto-base “Gramática e política”, de Sírio Possenti (Anexo 1) foram feitos sem orientações prévias a respeito do gênero, para que se obtivesse uma constatação do que realmente se entende sobre o resumo. As atividades (definições e resumos) foram propostas em fase de diagnóstico de uma disciplina cujo propósito é ensinar a leitura e a escrita acadêmica, e tinham o objetivo de verificar os conhecimentos que os alunos têm sobre esse gênero através de sua prática. Quando solicitada a definição, o intuito foi conhecer as representações que os alunos teriam desse gênero pelos conceitos que lhe atribuem. Já na primeira aula a professora pediu que os alunos produzissem os resumos. Depois de feito o resumo, as definições foram elaboradas.

AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS

Definindo resumo

É possível observar, no Quadro 1, pela identificação dos sujeitos que realizaram as afirmações aí ilustradas, que algumas destas são atribuídas a um mesmo produtor. Devo esclarecer que tal ocorrência se dá em função de ter havido reflexões mais abrangentes em relação às demais, sendo “encaixadas”, portanto, em mais de uma categoria de definição de resumo.

Quadro 1

	CATEGORIAS	EXEMPLOS
Representação da atividade	síntese do texto-base (93,7%) [extrair idéia(s) principal (is); manter o objetivo do texto; reflexão]	<ul style="list-style-type: none"> • “Resumo – é simplificar o máximo, sem prejudicar o sentido do texto” (sujeito 01) • “Como no texto anterior que resumi, eu li as duas folhas de texto, entendi e resumi em 10 linhas partes mais importantes do texto” (sujeito 02) • “Resumo de um texto, é extrair as idéias principais dele” (sujeito 03) • “serve para aclarar suas principais idéias, ou seja, mostrar seus objetivos” (sujeito 04) • “para retirar as partes mais importantes do texto, é necessária a reflexão” (sujeito 05)
Configuração textual	cópia do texto-base (10,4%)	<ul style="list-style-type: none"> • “as vezes até podemos usar palavras do texto mais desconsiderar outras.” (sujeito 02) • “não é só tirar palavras e sim conservar a idéia.” (sujeito 06) • “Resumo é você pegar um texto e retirar dele todas as palavras que “circulam” o objetivo e seu significado.” (sujeito 07) • “No resumo tiramos apenas as falas ou escritas mais relevantes” (sujeito 08) • “Em minha opinião, resumo é a reprodução e/ou cópia de um determinado assunto” (sujeito 09)
	relação com o texto-base (ordenação tópica) (12,5%)	<ul style="list-style-type: none"> • “Um resumo pode estar disposto em forma de tópicos frasais” (sujeito 05) • “Um bom resumo é aquele que aponta todos os tópicos” (sujeito 03) • “suas estruturas são acompanhar as idéias do texto em sua original forma” (sujeito 10) • “Suas características e formas são as mesmas do texto a ser resumido, sendo assim, depende do que estamos resumindo.” (sujeito 08)
Função do gênero	auxílio/registro da compreensão do texto-base (47,8%)	<ul style="list-style-type: none"> • “dando ao leitor um entendimento prático do conteúdo original.” (sujeito 11) • “para facilitar a leitura ou estudo.” (sujeito 12) • “o funcionamento do resumo é fazer com que o leitor entenda o texto resumido.” (sujeito 10) • “Depois com suas próprias palavras, escrever o que você entendeu.” (sujeito 13) • “O resumo serve para lembrar em poucas palavras o que foi lido.” (sujeito 14)
	possibilidade de interação (12,3%) [leitor (resumidor)/ autor/texto-base/ leitor do resumo]	<ul style="list-style-type: none"> • “Resumir é simplificar a idéia do autor.” (sujeito 06) • “O resumo tem como objetivo transmitir a mensagem que o texto quer passar.” (sujeito 15) • “pegando as características gerais do texto, de modo que todos que leiam possam compreender o que foi transmitido pelo autor do resumo” (sujeito 16) • “Para que o leitor possa entender com clareza o objetivo da mensagem do texto.” (sujeito 17)

A pergunta motivadora do diagnóstico foi: “Para que serve o resumo, como funciona e quais são suas características?”.

Tendo ilustrado, em linhas gerais, as definições do gênero propostas pelos alunos, falta-nos analisar a relação entre definições e produções de resumos de alunos específicos, cujos textos, como foi dito, exemplificam as dificuldades da turma acompanhada.

Antes, porém, é necessário dizer algo a respeito do texto de Possenti que embasou a produção dos resumos analisados neste trabalho. O texto apresenta uma discussão sobre as principais concepções de gramática possíveis e sugere que a esses conceitos subjaz um viés político sobre o qual procura se posicionar (a análise da organização tópica global de “Gramática e política” encontra-se também em anexo).

Para efeito de análise dos resumos, este estudo considera, dos textos analisados, a construção da argumentação, enquadrando os argumentos em função da(s) estratégia(s) de (re)construção priorizadas pelo aluno resumidor. Isso equivale a dizer que será considerada repetição (ou cópia) a identidade lexical, sintagmática ou oracional (cf. MATENCIO, 2001) entre segmentos do texto-base e do resumo, em que o aluno se vale ou não do recurso de apagamento, e reformulação, a adjunção ou as informações acrescentadas (cf. MATENCIO, 2002b), que podem se valer do recurso de substituição. Vejamos, agora, os textos selecionados:

Produzindo resumos

O aluno 9, ao definir resumo, afirma o seguinte:

Exemplo 1

Em minha opinião, resumo é a reprodução e/ou cópia de um determinado assunto, em poucas palavras, dando-se ênfase nos assuntos principais do texto visando uma maior compreensão e agilidade na sua interpretação. [grifos meus]

A análise do resumo mostra, por um lado, que ele é constituído de trechos que não expressam as posições de Possenti sobre o que este

argumenta, além de proporem articulações questionáveis de alguns argumentos do texto-base. Por outro lado, vê-se que o resumo apresenta apagamentos, substituições de termos ou expressões, compondo-se, desse modo, não apenas de cópias, mas de reformulações. Vejamos o resumo do aluno:

Conceitos de Gramática e de linguagem

Este trabalho visa divulgar e explicitar algumas reflexões sobre gramática e linguagem:

1) No sentido comum, o termo gramática é considerado um conjunto de regras seguidas por aqueles que querem “falar e escrever corretamente”.

2) Num segundo sentido, gramática é considerada um conjunto de regras analisados a partir de uma teoria e de um certo método.

3) Num terceiro sentido, a palavra gramática designa um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão de falar.

Gramáticas do primeiro tipo preocupam-se mais com como deve ser dito, as do segundo ocupam-se exclusivamente de como se diz e a terceira com o conjunto de regras lingüísticas que um falante constitui a sua gramática, o seu repertório lingüístico.

Talvez haja regras gerais válidas para todas as línguas. Aceitamos que uma gramática refere-se a uma língua. Pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Distingamos, pois, três conceitos de língua.

a) O primeiro conceito é o mais usual em uma comunidade e lingüística. O termo língua recobre apenas uma das variedades utilizadas pela comunidade. A língua padrão, ou norma culta é pretensamente utilizada pelas pessoas cultas. A língua sofre deturpação ou desvio, de acordo com quem se fala de outra região, classe social, ou ainda, com o perfil de cada um.

b) O segundo conceito de língua não prevê variações no sistema. O que faz é prever sistemas coexistentes, mas sem incorporação, embora trabalhe com base em enunciados da fala e suas flutuações. Coloca-se em dúvida, então, até que ponto tais construtos representam o maior conteúdo e até que ponto são restritivos em relação aos fenômenos.

c) Considerando-se que os falantes não falam uma língua uniforme, a terceira concepção de gramática opera numa noção mais difícil de explicar. Digamos que a língua é o conjunto das variedades utilizadas e reconhecidas de uma mesma língua. Apesar das diferenças existentes em todas as línguas, pode-se dizer que a língua é um conjunto de variedades.

Inicialmente, percebemos que, ao anunciar o assunto do texto, o resumo manifesta a voz de seu produtor de um modo contundente,

apagando a voz do autor do texto-base, por não deixar claro que se trata de uma retextualização. No trecho em que isso ocorre, também percebemos uma inadequação quanto ao que seria o assunto ou a proposição central (macroestrutura) do texto-base. Examinemos esse trecho do resumo: “Este trabalho visa divulgar e explicitar algumas reflexões sobre gramática e linguagem” [grifos meus].

Ora, o uso do pronome grifado demonstra uma apropriação de todo o conteúdo a ser resumido, pelo produtor do resumo. Ademais, a intenção apresentada pelo texto-base não é a de estabelecer uma relação entre “gramática e linguagem”, como afirmado pelo resumo, conforme pode-se perceber pelo trecho a seguir, extraído do texto-base: “Este trabalho não pretende avançar nenhuma novidade sobre a relação entre política e gramática, mas apenas divulgar algumas reflexões correntes sobre o tema” [grifo meu].

Através da comparação entre os trechos do resumo e do texto-base, percebemos um equívoco por parte do produtor do resumo 1, que, como aliás indica o título do resumo (“Conceitos de gramática e de linguagem”), entende língua (noção também discutida no texto-base numa interface com noção de gramática) como equivalente à linguagem. Percebemos, ainda, que o resumo faz referência a outra macroproposição do texto resumido. O trecho em que essa referência ocorre no resumo é o seguinte: “Pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Distingamos, pois, três conceitos de língua”.

Quando investigada a procedência desse trecho, averiguamos que trata-se de uma cópia, com apagamento, do seguinte segmento do texto-base:

Pelo menos, pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Isto é, vista a língua de uma certa forma, ver-se-á a natureza e a função da gramática de uma forma compatível. Qualquer outra postura será incoerente em excesso para merecer atenção. Distingamos, pois, três conceitos de língua. [grifos meus]

Verifica-se que o conteúdo selecionado desse trecho foi bem articulado porque não houve comprometimento da significação do texto resumido pelo apagamento do trecho entre os segmentos grifados, o que mostra que o aluno-resumidor depreende a relação existente entre língua e gramática explicitada no texto-base, e busca anunciar que discorrerá, a partir da percepção dessa relação, sobre as conceituações de língua.

Antes do trecho em que, no resumo, se especificam os conceitos de língua, verificam-se reformulações como a exemplificada pelo quadro a seguir:

Tipo de reformulação	Texto-base	Retextualização
com substituição de algumas poucas expressões, apagamentos (seleção de proposições relevantes) e acréscimos.	2) Num segundo sentido, gramática é um conjunto de regras que um cientista dedicado ao estudo de fatos da língua encontra nos dados que analisa a partir de uma certa teoria e de um certo método.	2) Num segundo sentido, gramática é considerada [acrésc.] um conjunto de regras [apagt ^o] analisados [subst.] a partir de uma [apagt ^o] teoria e de um certo método.

Esse quadro permite notar que, no texto-base, o “conjunto de regras” a que se faz referência provém dos dados analisados e não é objeto precípua de análise, como assegura o resumo. Verifica-se, portanto, situação em que o acréscimo, os apagamentos e a substituição verificados na retextualização comprometeram a significação da mensagem o texto-base procura sugerir.

No quinto parágrafo do resumo, por sua vez, deparamos como outra reformulação. Diz-nos esse trecho:

Gramática do primeiro tipo preocupam-se mais com como deve ser dito, as do segundo ocupam-se exclusivamente de como se diz é a terceira com o conjunto de regras linguísticas que um falante constitui a sua gramática, o seu repertório lingüístico [grifo meu para destacar a reformulação].

A reformulação acontece porque à citação, não indicada, que corresponde ao início desse parágrafo do resumo (que vai até *ocupam-se*

exclusivamente de como se diz) o aluno-resumidor agrega um trecho selecionado do sexto parágrafo do texto-base: “O conjunto de regras lingüísticas que um falante conhece constitui a sua gramática, o seu repertório lingüístico”.

Do que foi dito até aqui, fica evidente que o resumo analisado é constituído de operações distintas: cópias e reformulações. Quando o resumo apresenta os conceitos de gramática, seja através de cópias ou reformulações, o faz de um modo que elimina a origem desses pontos de vista. Até aí, houve apenas a seleção de idéias representativas de, praticamente, cada parágrafo do texto-base, demonstrando que essas reconstruções não são aleatórias, portanto. No entanto, ao desconsiderar determinados comentários feitos pelo autor do texto-base – a estrutura do texto-base engloba explanações através de comentários avaliativos de seu produtor –, o resumo não retrata a posição que Possenti assume diante do que expõe, que é a crença num conceito de língua e gramática que prevê variedades, o que fica claro no seguinte trecho do texto-base: “Uma gramática do tipo 2 será tanto melhor quanto mais coincidir com a gramática do tipo 3, isto é, quanto maior conteúdo empírico explicar”.

O resumo contenta-se, apenas, em apresentar alguns argumentos dos quais Possenti se valeu para conceituar a língua. Dito de outra forma, a partir de quando se começa a falar em língua, no resumo, os argumentos começam a ser apresentados sem que se diga a quais concepções está filiado o autor do texto-base. Os argumentos, embora haja preocupação em que sejam apresentados no resumo, são constituídos, por exemplo, articulando-se trechos que não se interrelacionam no texto-base. Um exemplo dessa dificuldade pode ser verificado pelo trecho do resumo que retoma segmentos em que o autor do texto-base apresenta a primeira concepção de língua e diz que “a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo”. Afinal, o aluno faz uma reformulação que evidencia uma discrepância em relação ao que foi dito, afirmando que “A língua sofre deturpação ou desvio (...)”. Há, pois, articulação de trechos que não se interrelacionam no texto-

base. E, embora, dessa vez, tenham sido preservados os exemplos desse texto, com algumas poucas alterações (“com quem se fala de outra região, classe social”), tais exemplos/argumentos estão vinculados, no texto-base, à variedade e não à língua padrão, como o resumo permite entender.

Se se compara, agora, o que foi dito pelos alunos acerca do que seja um resumo, vê-se que, ao resumir, esse aluno faz a síntese do texto-base sobretudo por meio de cópias com apagamentos. Além disso, como também ressaltam algumas definições de resumo, o aluno procura manter a ordenação tópica do texto-base.

Percebemos que cada categoria é envolvida numa relação de dependência com a que a segue, como se: cópia → assuntos principais → compreensão do texto-base. Pelo esquema proposto através do uso das setas, verifica-se que o entendimento que se tem quanto a enfatizar os assuntos principais provém da execução de cópias. O aluno copia, em seu texto, organizadores discursivos (“O primeiro conceito”, por exemplo) e expressões que o colocam em “pé de igualdade” com o autor do texto-base (“Distingamos”, etc.). No entanto, quando realmente deveria “copiar” uma macroproposição do texto-base, “a relação entre política e gramática”, o resumo destaca que essa idéia, importante para o texto como um todo, equivale a “reflexões sobre gramática e linguagem”. Houve uma substituição inadequada daquela expressão por esta. Vemos, na análise, que apagamentos e substituições, nas cópias e reformulações feitas pelo aluno/produtor, promovem alterações semânticas de segmentos do texto original.

Já o aluno 19, ao definir resumo, diz que:

Exemplo 2

Pela minha visão e maturidade, em um resumo existem meios para desenvolver um bom texto e passar para o leitor [foco na interação leitor resumidor/leitor do resumo].

Acho que tem que ser bem formulado e claro com uma base que consiste em características associadas e completas para termos um resumo bem estruturado e apto para um leitor capaz e perspicaz. Para poder fazer uma boa Análise” [foco no auxílio à compreensão]. [grifos meus]

Esse aluno, quando faz o resumo, realiza, apenas, reformulações.

GRAMÁTICA E POLÍTICA
(Sírio Possenti, IEL – UNICAMP)

O texto refere a política, mas em destaque o conceito da gramática. Que se resume em três maneiras.

A primeira forma que se expressa o termo gramática que é seguido de regras que devem ser seguidas, a segunda forma quer dizer que os estudiosos da língua analisaram [o quê?] em cima de teorias que diferencia [o quê?] pelas comunidades e outros exemplos. Na terceira forma o autor não concorda com as regras dando exemplos, como o do linguista que estuda a língua que muitas das vezes não se sai tão bem. Mas em todas as línguas existem regras.

Existem também os conceitos como exemplos de pessoas cultas, a língua padrão, que existe em todas as regiões, comunidades, etc que seguem a sua norma, o Aspecto cultural também inclui.

Em resumo no final o autor quer dizer que existem regras mas nem sempre podem ser usadas, existem os aspectos culturais regionais, que determinam uma variedade língua. [grifos meus]

“O texto refere a política, mas em destaque o conceito da gramática”, esta é a proposição central divulgada pelo resumo como objetivo do texto-base. Entretanto, o que Possenti afirma é que: “Este trabalho não pretende avançar nenhuma novidade sobre a relação entre política e gramática, mas apenas divulgar algumas reflexões correntes sobre o tema” [grifo meu].

Logo, o resumo não estabelece uma relação entre esses tópicos (gramática e política), fazendo com que seus leitores pressuponham que o texto resumido discorre sobre ambas as temáticas, separadamente, sem que perceba, nesse momento (e talvez, mesmo depois!), que não se trata da abordagem de assuntos desvinculados um do outro.

Entendemos pela leitura do texto-base que uma “outra proposta” que faz corresponde a associar cada concepção possível de língua, a uma concepção específica de gramática, por sua justificativa: “Uma gramática refere-se a uma língua. Ocorre que língua não é um conceito óbvio. Pelo menos, pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática”.

Essa consideração, não mencionada no resumo, é crucial para o entendimento da relação que o texto-base procura estabelecer entre gramática e política, já que este não trata do “fazer política” (legislar a sociedade), como o senso comum poderia nos levar a supor, mas de verificar os efeitos de se agir levando-se em consideração um desses conceitos de gramática e língua que subjazem a um viés político. Como, aparentemente, o produtor do resumo entendeu que o objetivo do texto resumo era apenas enfatizar a gramática, conceituando-a de formas distintas, procedeu elaborando o seu texto desse modo.

O segundo parágrafo do resumo é uma reformulação em que seu autor procurou condensar as três conceituações de gramática ressaltadas no texto-base, em parágrafos distintos. Esse procedimento não recorre a cópias de quaisquer espécies do texto original, mas parafraseia algumas proposições selecionadas como relevantes por esse autor. Contudo, o aluno-resumidor não chega a indicar a importância da discussão que envolve essas conceituações, pois apaga os argumentos dos quais se valeu o texto-base para defendê-las, além de comprometer o que este diz ao procurar utilizar-se, parcialmente, de exemplos que o texto-base expôs, sustentando esses exemplos (parciais) com afirmações que não condizem com as que foram expressas pelo texto original. No texto-base, aparece o seguinte:

Uma gramática do tipo 2 [descritiva] será tanto melhor quanto mais coincidir com a gramática do tipo 3, isto é, quanto maior conteúdo empírico explicar. É por esta razão que Chomsky diz que a tarefa do lingüista é semelhante à da criança que está aprendendo a língua de sua comunidade: ambos devem descobrir as regras da língua.

Já o resumo declara: “o autor não concorda com as regras dando exemplos, como o do lingüista que estuda a língua que muitas das vezes não se sai tão bem” [grifo meu].

Em primeiro lugar, temos que o autor do texto-base não se diz contrário às regras; mesmo porque, nas três definições que se referem à gramática, assevera que ela é um “conjunto de regras”, com enfoques distintos em cada uma das concepções. O autor do texto-base

defende, isso sim, que é a favor da valorização das variações da língua nos estudos lingüísticos. Ademais, ao articular a desaprovação que esse autor atribuiria às regras, a exemplo do lingüísta, o produtor do resumo nos leva a concluir que tal desaprovação ocorre em virtude das dificuldades que seriam enfrentadas pelo lingüista no estudo dessas regras, o que não é verdade e o último trecho destacado do texto-base permite comprovar.

O que gera inconsistência entre o que diz o resumo e o texto-base é que o resumo não cria vínculos explícitos ou inferíveis entre as reflexões às quais faz menção. Por isso, é extremamente problemático o seu terceiro parágrafo; já que não foi estabelecida, em nenhum momento, a relação língua/gramática nesse texto, esse seu parágrafo não permite o entendimento do porquê da presença de “língua padrão” aí, sendo que a expressão sequer é relacionada com a noção de regra.

Quanto à estrutura do resumo, há alteração da ordenação tópica e proposicional do texto-base, embora se observe que haja cópia da configuração global do texto-base.

Por outro lado, a definição de resumo apresentada pelo aluno traz uma categoria usual vista na definição global desse gênero pelos demais alunos do curso, o auxílio à compreensão do texto-base (47,8%), e também a questão da interação (leitor resumidor/leitor do resumo). Como defende esse ponto de vista em relação ao resumo, poderíamos supor que esse aluno buscava inserir em seu texto marcas interacionais, “elementos e/ou expressões (meta)lingüísticas que têm a função de estabelecer uma interlocução” (cf. MATENCIO, 2001b, p. 12), ou conservar as que foram utilizadas pelo autor do texto-base: “Aceitemos”; “Distingamos”; “Digamos”, o que indicaria um compartilhamento das idéias de Possenti. Repare-se que, para procurar evidenciar uma interlocução com o leitor do resumo, seu autor poderia dizer, por exemplo, “entenderemos a gramática como”, ou ainda, “veremos três tipos de gramática”, etc. Entretanto, não ocorreu nem uma coisa, nem outra.

A análise permitiu constatar, acredito, uma deficiência na apresen-

tação de uma idéia principal que guia o texto como um todo – política e gramática são vistos como temas isolados pelo resumidor – e na falta de identificação de uma segunda hipótese muito importante, como a relação entre língua e gramática não é percebida, o aluno insere um comentário sobre língua dissociado do que vinha sendo argumentado no próprio resumo, causando um problema de coerência nesse texto. Isso significa que, embora o aluno acredite no resumo como um auxílio à compreensão do texto-base, suas estratégias em lidar com a articulação de trechos desse texto, bem como em identificar ou representar corretamente suas macroestruturas centrais, não correspondem a um recurso de compreensão textual eficiente.

Finalmente, o aluno 5, ao conceituar resumo, alega que:

Exemplo 3

Resumo é algo que serve para facilitar a leitura de algo que já foi lido e entendido [foco no auxílio à compreensão e no registro da compreensão], pois a partir disso pode-se retirar apenas as idéias mais importantes, já que o texto foi abstraído e não são mais necessários os detalhes.

Acredito também que sirva para “amadurecimento” do texto [foco no auxílio à compreensão], pois para retirar as partes mais importantes do texto, é necessária a reflexão.

Um resumo pode estar disposto em forma de tópicos frasais, que contemham as idéias principais, ou seja, a síntese do que foi lido. [grifos meus]

Apesar de apresentar alguns problemas em sua estruturação e encontrar-se incompleto, o resumo mostra, no desenvolvimento de sua argumentação, desde cópias integrais do texto-base, até reformulações bastante sucintas e bem estruturadas, que atestam uma compreensão eficaz das idéias contidas no texto original.

Resumo do Texto: Gramática e Política

Este trabalho apresenta algumas reflexões correntes sobre o tema: política e Gramática. Distingui-se-ão três conceitos correntes para se entender gramática como “conjunto de regras linguísticas”.

1. No sentido mais comum o termo gramática designa um conjunto de regras a serem seguidas e, portanto, o que é descrito é, ao mesmo tempo, prescrito. Há preocupação em como deve ser dito.

2. Conjunto de leis que regem a estruturação real de enunciados realmente produzidos por falantes. Neste caso não importa se o emprego de determinada regra implica numa avaliação positiva ou negativa da expressão por parte da comunidade. Há preocupação em como se diz.

3. Considera que pelo conhecimento não consciente, o falante sabe sua língua. O conjunto de regras lingüísticas que um falante conhece constitui a sua gramática, o seu repertório lingüístico.

Uma gramática do tipo 2 será tanto melhor quando coincidir com uma gramática do tipo 3.

Há também um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Distingamos, pois, três conceitos de língua.

a) É a chamada língua padrão ou norma culta. As outras formas de falar (ou escrever) são consideradas erradas. Esta definição peca, pois, pela exclusão da variedade, por preconceito cultural. É um conceito de língua elitista.

b) Define a língua como meio de comunicação, o que implica que não há interlocutores, mas emissores e receptores, codificadores e decodificadores, mas não incorpora as flutuações da fala. Concebe a língua como espelho do pensamento, o que é uma exclusão de todas as outras funções da linguagem.

c) Digamos que neste sentido língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade. A propriedade “pertencer a uma língua não é atribuída à suas regras gramaticais, mas preponderantemente pelo sentimento dos próprios usuários de que falam a mesma língua, apesar das diferenças.

Obs.: Não concluí o resumo.

Esse resumo assemelha-se ao primeiro, uma vez que confunde os objetivos do texto-base com seu próprios objetivos, o que é perceptível pela escolha inadequada de pronome *este*, no primeiro parágrafo, embora, no título, indique tratar-se do “Resumo do Texto: Gramática e Política”. Vejamos o trecho do resumo em que isso acontece: “Este trabalho apresenta algumas reflexões correntes sobre o tema: política e Gramática” [grifo meu, para indicar a aparente apropriação, no resumo, do conteúdo do texto-base].

Quando procuramos identificar as macroproposições centrais no resumo, este nos permite concluir, pela leitura do trecho destacado acima, que o objetivo do texto-base é, realmente, falar sobre gramática e política. Mas, da forma como a proposição principal global do

texto-base foi apresentada, sugere-se que os textos (original e resumo) desenvolverão considerações sobre essas duas temáticas isoladas uma da outra, desconsiderando a relação entre elas, como anuncia o texto de Possenti: “Este trabalho não avança nenhuma novidade sobre a relação entre política e gramática”.

Já quando insere os comentários sobre língua, através de cópia, sem indício de citação, o resumo menciona a relação entre língua/gramática: “Há também um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática”.

Na tentativa de articular essa proposição, que seria a segunda proposição central do texto-base, porém, não é explicado o porquê da relação, como faz o texto-base: “Aceitemos que uma gramática refere-se a uma língua. (...) há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática”.

Em relação às reformulações promovidas pelo resumo, em seu primeiro parágrafo, vê-se que há articulação do 1º e 2º parágrafos do texto-base: o primeiro enunciado desse fragmento inicial do resumo (encontrado, também, no 1º parágrafo do texto-base) é articulado com o último enunciado do segundo parágrafo do texto-base. No segundo parágrafo do resumo, também ocorre reformulação. O resumo apresenta aí trechos que correspondem ao primeiro conceito de gramática dado pelo texto-base, acrescidos de informações que surgem somente no quinto parágrafo do texto-base, como uma avaliação ou ponto de vista de Possenti: “Gramáticas do primeiro tipo preocupam-se mais com como deve ser dito” [grifo meu, a fim de salientar a expressão à qual o resumo faz referência].

A segunda concepção de gramática vista no resumo (no terceiro parágrafo) também é uma reformulação apoiada, igualmente, num trecho do quinto parágrafo do texto-base: “As do segundo tipo ocupam-se exclusivamente de como se diz” [grifo meu, a fim de salientar a expressão à qual faz referência o resumo].

Essas duas concepções iniciais de gramática esclarecidas pelo resumo são, de certo, reformulações bem estruturadas, porque não cons-

troem nem articulam informações que contradigam as intenções ou afirmações do texto-base.

O resumo diz “Uma gramática do tipo 2 será tanto melhor quando coincidir com uma gramática do tipo 3” e, em seguida, “Há também um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Distingamos, pois, três conceitos de língua”. Na primeira citação, o aluno/produtor demonstra o ponto de vista que tem o autor do texto-base sobre quais gramáticas considera mais profícuas.

Esse texto, a exemplo dos anteriores, apresenta colagem da estrutura tópica global do texto-base, embora possamos pensar que há uma alteração da ordenação tópica e proposicional, em função da seleção de argumentos de relevância para a orientação argumentativa do texto-base, utilizados em reformulações. Devemos reconhecer, desse modo, que não houve a preocupação do produtor do resumo apenas em colar os argumentos na ordem em que surgem no texto-base. Dentre os três resumos analisados, apresentados neste estudo, esse último foi o que captou e apresentou de um modo mais adequado as duas macroestruturas principais para a argumentação do texto-base: *a relação entre gramática e política*, pois, embora o aluno tenha omitido que esses tópicos se relacionam no texto-base, chegou a tratar de ambos em seu texto, diferentemente dos outros dois resumos expostos neste trabalho, e *a relação entre língua e gramática*. Acredito que esse resumo tenha permitido uma percepção mais enfática do viés político envolto nesses assuntos.

Por esses aspectos, creio que já poderíamos refletir que tratam-se de indícios que atestam, em relação ao aluno/produtor desse texto, especificamente, conforme ele mesmo já havia dito em sua definição, que o resumo facilitou sua leitura, esclareceu-lhe quanto ao texto-base. Afinal, quando esse aluno alega que, “para retirar as partes mais importantes do texto, é necessária a reflexão”, poderíamos querer pensar que ele tem uma visão de resumo distinta de cópia. E, embora tenham sido constatadas cópias em sua produção textual, ao menos elas integram as reformulações presentes no resumo. Em outras palavras,

o que quero dizer é que as cópias não foram a preocupação principal do aluno na elaboração de seu texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que orienta a prática é, freqüentemente, a teoria, quando pensamos que, muitas vezes, para aprendermos a desenvolver as tarefas mais banais de nosso dia-a-dia, recebemos a instrução de alguém. Também é verdade que podemos aprender a cozinhar, por exemplo, simplesmente por observar, algumas vezes, alguém praticando essa ação. Mas, sabemos, também, que, na vida escolar, não é assim que acontece. Quando o aluno não tem familiaridade com determinado gênero textual e é levado a produzi-lo, necessita receber instruções prévias sobre o que implica esse gênero, para refletir sobre as condições de produção que o “elegeram” como o gênero mais vantajoso em dada circunstância, etc. Em suma, o que este estudo, bastante simples, me levou a concluir é que, como, no universo escolar, as experiências advêm das orientações, a qualidade daquelas depende da prática e do adequado embasamento teórico que guia essas experiências. Por isso, comparar o que os alunos dizem do resumo, ao que fazem como resumo, pareceu-me relevante.

As definições do gênero resumo, analisadas neste estudo, foram propostas após a produção dos resumos. Portanto, não se partiu da definição para o resumo, mas, sim, do inverso, embora, é claro, possamos considerar que se trata de um círculo vicioso: para ter elaborado os resumos, cada um de seus produtores se baseou não apenas no texto-base, mas, também, em seus saberes sobre o que seria um resumo, mesmo que de forma não muito consciente. Os produtores do 1º e do 3º resumos demonstraram ter refletido sobre como procederam para elaborar seus textos, para responderem ao que corresponde à sua conceituação particular desse gênero. Pensaram, conscientemente. Isso porque, pela análise desses dois textos, juntamente com suas respecti-

vas definições de resumo, verificou-se haver uma correspondência significativa entre o dizer e o fazer o resumo: o primeiro resumo traz, basicamente, cópias, e a definição correspondente ao mesmo produtor desse texto refere-se justamente a resumo como cópia; o terceiro resumo recorre também a cópias, mas isso no interior de reformulações, ou seja, não vê o resumo como cópia num sentido restrito e sua definição de resumo também não faz referência a cópias. Já o autor do segundo resumo, fez o que Garner (*apud* GIASSON, 1993) havia alertado: não refletiu sobre o que havia feito como resumo, para definir resumo, pois refere-se à interação leitor resumidor/leitor do resumo, mas opta por não inserir marcas interacionais em seu texto. Em síntese, os resumos 1 e 3 relacionam-se às representações ou definições a que deram origem, conforme o pressuposto em que me baseei para engendrar este estudo. O resumo dois, não.

A conclusão que este estudo me permite alcançar é a de que os alunos produtores dos resumos 1 e 3 têm chances maiores de melhorar suas produções de resumo mais rapidamente em relação ao produtor do segundo resumo, porque demonstraram que refletiram sobre seus atos. E, à medida em que forem aprimorando sua visão de resumo, a tendência a melhorar suas práticas de resumo se amplia, porque fazem a “ponte” entre definição e ação de produção/recepção de textos. Daí a importância em se trabalhar a noção de resumo com os alunos e em alertar-lhes para que reflitam sobre a relação entre o que fazem e pensam.

RÉSUMÉ

Ce travail étudie les représentations du genre résumé par des étudiants de premier année d'un cours de Lettres en comparant les définitions et les résumés faits par ces étudiants, dans le but de vérifier la correspondance entre ces deux possibilités d'exprimer la compréhension que l'on a d'un résumé.

Mots clé: Genre textuel; Résumé; Représentation.

Referências

- AMARAL, V. B.; COELHO, F. C. B.; RIBEIRO, L. S. Resumo: representações do gênero por um sujeito que ingressa no curso de Letras. In: *Ao pé da Letra*. v. 4, n. 2. Pernambuco: UFPe, 2002. p. 75-82.
- ASSIS, J. A.; MATA, M. A.; SANTOS-PERINI, P. Ensino/aprendizagem de resumos acadêmicos em sala de aula: negociação de representações. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO*, 2. Anais... Campinas (SP): Graf. FE, 2003. CD-Rom.
- FULGÊNCIO, L. Exame da conceituação de anáfora e das suas relações com as noções de dado/novo. In: REIS, C. A. (Org.). In: *Ensaio de lingüística: cadernos de lingüística e teoria da literatura*, ano v, n. 9. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1983. p. 71-93.
- GIASSON, J. *A compreensão na leitura*. cap. V, Macroprocessos (1ª parte): Idéia principal e resumo. Portugal: Asa, 1993. p. 107-130.
- HILGERT, J. G. As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. 6, p.143-155.
- KOCH, I. G. V. Referenciação: construção e reconstrução de objetos de discurso. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 3. Anais... março de 2003.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. Especial. São Paulo: PUC SP, 1998. p. 169-190.
- MACHADO, A. R. Revisitando o conceito de resumo. In: DIONÍSIO, A. P. *et al.* (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 138-150.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 54-55, 140-142. (Tradução de: *Les termes clés de l'analyse du discours*).
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas: Pontes: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 159-185.
- MARCUSCHI, L. A. *Quando a referência é uma inferência*. Recife: UFPe, 1998. (Digitado).

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *Estudos de lingüística textual do português*. Gärtner, E.; Hundt, C.; Schönberger, A. (Ed.). Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 79-107.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 41. Campinas: Unicamp, 2001. p. 37-54.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002. v. 6, p. 105-141.

MATA, M. A.; SILVA, J. Q. G. Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos. In: *Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 123-133.

MATENCIO, M. L. *Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 256p.

MATENCIO, M. L. *Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos*. Projeto de Pesquisa/Fapemig. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001b.

MATENCIO, M. L. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. In: *Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 109-122.

MATENCIO, M. L. *Notas para uma primeira tentativa de descrição das operações textual-discursivas envolvidas na retextualização de texto escrito para texto escrito*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002b. (Inédito).

MATENCIO, M. L. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 3. *Anais...* março de 2003.

SALOMON, T. V. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 65-86.

TEREZO, G. P. O resumo como prática de leitura e de produção de texto. In: *Revista de Letras, PUC Campinas*. Campinas, 2001. p. 20-43.

Anexo 1

Gramática e política' (Sírio Possenti)

Este trabalho não pretende avançar nenhuma novidade sobre a relação entre política e gramática, mas apenas divulgar algumas reflexões correntes sobre o tema em certos círculos. O tom do trabalho será, é evidente, político.

Para tratar, mesmo que sumariamente, do tema, é necessário antes de tudo conceituar gramática. Ver-se-á que, qualquer que seja a acepção em que se tome esse termo, a questão da política lhe está inexoravelmente ligada. Distinguir-se-ão três conceitos correntes que equivalem a três maneiras de se entender a expressão "conjunto de regras lingüísticas".

1) No sentido mais comum, o termo gramática designa um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem "falar e escrever corretamente". Neste sentido, pois, gramática é um conjunto de regras a serem seguidas. Usualmente, tais regras prescritivas são expostas, nos compêndios, misturadas com descrições de dados, em relação aos quais, no entanto, em vários capítulos das gramáticas, fica mais do que evidente que o que é descrito é, ao mesmo tempo, prescrito. Citem-se como exemplos mais evidentes os capítulos sobre concordância, regência e colocação dos pronomes átonos.

2) Num segundo sentido, gramática é um conjunto de regras que um cientista dedicado ao estudo de fatos da língua encontra nos dados que analisa a partir de uma certa teoria e de um certo método. Neste caso, por gramática se entende um conjunto de leis que regem a estruturação real dos enunciados realmente produzidos por falantes, regras que são utilizadas. Neste caso, não importa se o emprego de determinada regra implica numa avaliação positiva ou negativa da expressão lingüística por parte da comunidade, ou de qualquer segmento dela, que fala esta mesma língua.

Gramáticas do primeiro tipo preocupam-se mais com como deve ser dito, as do segundo ocupam-se exclusivamente de como se diz. Para que a diferença fique bem clara, imagine-se um antropólogo que descreva determinado sistema de parentesco de um certo povo, e outro que o censure por desrespeitoso, por não distinguir-se o papel do pai e do tio.

3) Num terceiro sentido, a palavra gramática designa o conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar. É preciso que

* In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1985.

fique claro que sempre que alguém fala o faz segundo regras de uma certa gramática, e o fato mesmo de que fala testemunha isto, porque usualmente não se “inventam” regras para construir expressões. Pelo conhecimento não consciente, em geral, de tais regras, o falante sabe sua língua, pelo menos uma ou algumas de suas variedades. O conjunto de regras lingüísticas que um falante conhece constitui a sua gramática, o seu repertório lingüístico.

Uma gramática do tipo 2 será tanto melhor quanto mais coincidir com gramática do tipo 3, isto é, quanto maior conteúdo empírico explicar. É por esta razão que Chomsky diz que a tarefa do lingüista é semelhante à da criança que está aprendendo a língua de sua comunidade: ambos devem descobrir as regras da língua. Os lingüistas, sabe-se, são muito menos bem-sucedidos que as crianças.

Talvez haja regras gerais válidas para todas as línguas. Talvez não. Não discutamos isto aqui. Aceitemos que uma gramática refere-se a uma língua. Ocorre que língua não é um conceito óbvio. Pelo menos, pode-se dizer que há um conceito de língua compatível com cada conceito de gramática. Isto é, vista a língua de uma certa forma, ver-se-á a natureza e a função da gramática de uma forma compatível. Qualquer outra postura será incoerente em excesso para merecer atenção. Distingamos, pois, três conceitos de língua:

a) O primeiro conceito é o mais usual entre os membros de uma comunidade lingüística, pelo menos em comunidades como as nossas. Segundo tal forma de ver a questão, o termo língua recobre apenas uma das variedades lingüísticas utilizadas efetivamente pela comunidade, a variedade que é pretensamente utilizada pelas pessoas cultas. É a chamada língua padrão, ou norma culta. As outras formas de falar (ou escrever) são consideradas erradas, não pertencentes à língua. Definir língua desta forma é esconder vários fatos, alguns escandalosamente óbvios. Dentre eles está o fato de que todos ouvimos diariamente pessoas falando diversamente; isto é, segundo regras parcialmente diversas- conforme quem fala seja de uma ou de outra região, de uma ou de outra classe social, se comunique com um tipo de interlocutor, queira vender uma imagem ou outra. Essa definição de língua peca, pois, pela exclusão da variedade, por preconceito cultural.

Essa exclusão não é privilégio de tal concepção, mas o é de forma especial: a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo. Quem fala diferente fala errado. E a isso se associa que pensa errado, que não sabe o que quer, etc. Daí a não saber votar, o passo é pequeno. É um conceito elitista de língua.

b) O segundo conceito de língua, ligado a gramáticas do tipo 2, também é excludente, em relação aos fenômenos, não tanto por só incluir partes, mas por incluí-las apenas de certo modo. Aqui língua equivale a um construto teórico, necessariamente abstrato. Como tal, é considerado homogêneo, não

prevê variações no sistema. O que faz é prever sistemas coexistentes, mas não incorpora, embora trabalhe com base em enunciados da fala, as flutuações da fala. Não se quer pôr em dúvida a necessidade da construção do objeto teórico para a tarefa científica de descrever línguas. Trata-se colocar a dúvida: até que ponto, efetivamente, tais construtos representam o maior conteúdo empírico possível e até que ponto são restritivos em relação aos fenômenos. As teorias pagam seu preço às ideologias a que se ligam. Por exemplo: o estruturalismo exclui o papel do falante no sistema lingüístico, define a língua como meio de comunicação, o que implica que não há interlocutores, mas emissores e receptores, codificadores e decodificadores. A gramática gerativa só considera enunciados ideais produzidos por um falante ideal que pertença a uma comunidade lingüística ideal. Além disso, concebe a língua como espelho do pensamento, o que implica fazer uma semântica de base lógica, privilegiando o valor de verdade dos enunciados. E isso representa a exclusão de todas as outras funções da linguagem.

Esses tipos de concepção de língua, no entanto, não avalizam nenhum preconceito contra qualquer língua ou contra qualquer variedade lingüística. De fato, trabalham com dados higienizados. E as gramáticas que as estudam estabelecem prioridades, o que sempre significa, na prática, deixar para as agendas as tarefas consideradas posteriores e dependentes da principal.

c) Considerando-se que os falantes não falam uma língua uniforme e não falam sempre da mesma maneira, a terceira concepção de gramática opera a partir de uma noção de língua mais difícil de explicitar. Digamos, em poucas palavras, que nesse sentido língua é o conjunto de variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterônimas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua. Observamos que a propriedade “pertencer a uma língua” é atribuída a uma determinada variedade bastante independentemente dos seus traços lingüísticos internos, isto é, de suas regras gramaticais, mas preponderantemente pelo sentimento dos próprios usuários de que falam a mesma língua, apesar das diferenças. Assim, não importa se uma determinada variedade A de uma língua é mais semelhante a uma variedade X de outra língua do que uma variedade B da mesma língua. A e B são consideradas variedades de uma mesma língua; X será variedade de outra língua. Este tipo de fenômeno é comum em fronteiras políticas, muito comumente fronteiras também lingüísticas, por causa das atitudes dos falantes mais do que pelos traços gramaticais das formas lingüísticas. Língua é, pois, nesse sentido, um conjunto de variedades. (...)

Anexo 2

Organização tópica do texto Gramática e Política*

1º parágrafo: Apresentação dos propósitos sócio-comunicativos da reflexão do autor

2º parágrafo: Viés político subjacente a cada concepção de gramática

3º parágrafo: Caráter prescritivo da concepção de gramática normativa

4º parágrafo: A abordagem da gramática descritiva e seu caráter analítico

5º parágrafo: Distinção entre gramática normativa e descritiva

6º parágrafo: Gramática como um conjunto de regras internalizadas

7º parágrafo: A tarefa do lingüista de identificar regras de uso da língua

8º parágrafo: Relações entre língua e gramática

9º parágrafo: Suposta supremacia da língua padrão ou norma-culta

10º parágrafo: Concepção de língua padrão como conceito elitista de língua

11º e 12º parágrafos: Problematização da concepção de língua de estruturalistas e gerativistas

13º parágrafo: Língua como um conjunto de variedades

* Extraído de Amaral *et al.* (2002).

Outras publicações da Editora PUC Minas

- ARQUITETURA – CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
- BIOS
Departamento de Ciências Biológicas
- CADERNO DE ESTUDOS JURÍDICOS
Faculdade Mineira de Direito
- CADERNO DE GEOGRAFIA
Departamento de Geografia
- E & G ECONOMIA E GESTÃO
Revista do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais
- FRONTEIRA
Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais
- HORIZONTE
Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas
- PSICOLOGIA EM REVISTA
Instituto de Psicologia
- REVISTA DA FACULDADE MINEIRA DE DIREITO
Faculdade Mineira de Direito
- SCRIPTA
Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e do Cespuoc

Projeto gráfico, editoração eletrônica e fotolito:
EMS editoração eletrônica
Telefax: (31) 3468.4079
e-mail: emsalles@uai.com.br

Impressão e acabamento:
SOGRAFE – Editora e Gráfica Ltda
Rua Alcobaça, 745 • São Francisco
Belo Horizonte • Minas Gerais
Tel.: (31) 3492.9077

